

AFETIVIDADE: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



AFFECTIVITY: ITS INFLUENCE ON THE LEARNING PROCESS OF CHILDREN IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

ANDRÉ LUIS CONFORTI

Graduação em Pedagogia pela Faculdade UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados (2014); Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados (2017); Professor de Ensino Fundamental I – EMEF CEU Butantã, na Cidade de São Paulo/SP.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificar a influência da afetividade no processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, buscando compreender como ocorre a relação afetiva entre educandos e docentes e qual é a sua real importância no desenvolvimento acadêmico dos alunos. Pretende-se, ainda, identificar as principais obras educacionais e pedagógicas que abordam a influência de uma boa relação entre professores e alunos no processo de aprendizagem escolar. Para a realização deste trabalho, além de uma pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida uma pesquisa de campo de caráter investigativo e exploratório, por meio da aplicação de um questionário a cinco professores da rede municipal de ensino do município de Igrejinha, no Estado do Rio Grande do Sul. Os resultados indicam que o processo de aprendizagem deve estar constantemente permeado pela afetividade, uma vez que se observa que a boa relação entre professor e aluno é imprescindível para que o estudante alcance um desempenho educacional satisfatório.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; relação professor-aluno; ensino fundamental.

ABSTRACT

This study attempts to verify the influence of affection in the early years of elementary school learning process, trying to understand what happens in the affective relationship between student and teachers and what is the real academic development importance of the student. The objective is to seek the main educational and pedagogical reference works about the influence of a good relationship between teachers and students for the school learning process. For this work, in addition to a bibliographic research conduction, there was also the realization of a field research of exploratory investigative kind, through a questionnaire, in which five teachers of municipal schools of Igrejinha in Rio Grande do Sul participated. The results show that the learning process should be constantly immersed in affection, because it's noticeable that the good relationship between teacher and student is essential for the learner to achieve a good educational performance.

Key-words: Affection; Learning process; Teacher-student relationship.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito investigar, sob a ótica dos professores, qual é a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Saltini (2008), os docentes precisam não apenas dominar os conteúdos, técnicas e metodologias variadas, mas também compreender e conhecer seus alunos em suas individualidades.

Nesse sentido, Saltini (2008) ressalta que a escola deve constituir-se como um ambiente acolhedor para o aluno, especialmente na Educação Infantil, uma vez que a afetividade está presente nas relações interpessoais estabelecidas com os colegas e com o professor, sendo indispensável para a construção do conhecimento e para o sucesso da aprendizagem.

A criança deseja ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida, para a curiosidade e para o aprendizado. Entretanto, cabe ao professor preparar e organizar o microcosmo onde as crianças brincam, interagem e se interessam. A postura desse profissional manifesta-se na percepção e na sensibilidade diante dos interesses das crianças, que variam conforme a idade, o pensamento e a forma de sentir o mundo (SALTINI, 2002, p. 87-88).

A justificativa deste estudo fundamenta-se na relevância de compreender o papel da afetividade na aprendizagem, visto que o ambiente escolar é um espaço de múltiplas interações que influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Investigar como os professores percebem e constroem relações afetivas com seus alunos é essencial para repensar práticas pedagógicas mais humanas, acolhedoras e eficazes.

Dessa forma, o problema de pesquisa que orienta este estudo é: de que maneira a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem de crianças nos anos iniciais, na percepção dos professores?

O objetivo geral deste trabalho é analisar a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sob a perspectiva dos docentes.

Como objetivos específicos, busca-se: a) compreender como os professores percebem a presença da afetividade em suas práticas pedagógicas; b) identificar de que modo a relação afetiva entre professor e aluno interfere no desempenho escolar; e c) discutir a contribuição das relações afetivas para a construção de um ambiente educativo mais significativo e acolhedor.

Neste contexto, a metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo. Participaram do estudo cinco professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Igrejinha, localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul. Os participantes responderam a um roteiro de entrevista com questões norteadoras relacionadas à temática investigada.

A AFETIVIDADE

A afetividade de acordo com Mahoney e Almeida (2005) é a capacidade que o ser humano tem de afetar e de ser afetado, pelo mundo que lhe envolve, pelas sensações agradáveis e desagradáveis, momentos de sentir-se bem e de sentir-se mal.

Conforme Wallon (*apud* SALLA 2011, p.108) “refere-se à capacidade do Ser Humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas”. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento.

Neste contexto Wallon (1941/2005, p.201) postula que ainda “nos primeiros vislumbres da vida psíquica, no período *afetivo* encontra-se à origem da evolução da pessoa”. Ou seja, onde a pessoa desenvolve sua personalidade, diante de seus comportamentos, o meio em que vive possibilitará ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. E desta forma para Wallon (2005), o desenvolvimento humano é um processo contínuo de transformações onde o indivíduo e meio estreitam suas relações, criando assim, o que ele denomina de conjuntos funcionais: afetividade, ato motor, conhecimento e a pessoa.

No entanto, Cunha (2010, p.16) afirma que “o afeto é neutro podendo exprimir sentimento de agrado ou desagrado. O afeto resulta na prática do amor, onde a atitude se reveste em estímulo para o aprendizado”. Assim, pode-se considerar que a afetividade é que nos impulsiona a alegria e ao amor, bem como a raiva, a tristeza e ao ódio.

Neste contexto, Davis e Oliveira (2010, p. 106) conceituam o afeto como um regulador, é o que determina a ação, onde o ódio, tristeza e a alegria fazem o indivíduo procurar ou evitar algumas pessoas e experiências. Desta forma, a afetividade gera manifestações, expressões e comunicações dos sentimentos por meio do sorriso, grito, choro, pelo olhar, e até no próprio corpo os são sentimentos indicados pela pessoa.

De acordo com Davis e Oliveira (2010) estas manifestações nos fazem entender que podem ser positivas ou negativas, dependendo do seu dia, pois se tudo ocorrer bem o fator afetivo contribuirá

nas outras áreas, do relacionamento com os colegas e professores, melhor aprendizado e consequentemente bom desenvolvimento. Porém se as manifestações forem negativas o aprendizado não acontecerá e a relação entre professor e aluno será monótona, frustrante, em um ambiente difícil de educar, amar e se relacionar.

DESENVOLVIMENTO AFETIVO E COGNITIVO

A afetividade e a cognição não podem ser dissociadas, pois de acordo com Souza (2003), o aspecto afetivo exerce muita influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo acelerar ou diminuir o ritmo de aprendizagem. Desta forma, o afeto pode ser considerado o principal norteador da autoestima, pois quando se tem um vínculo afetivo, de aprendizagem, a motivação e a disciplina são como uma forma de conseguir ter o autocontrole da criança.

Para Rossini (2010, p. 16) “se a criança está feliz, ela aprende, ela faz”. Segundo a autora a afetividade é a base da vida, pois se o ser humano não está bem emocionalmente, sua vida social estará comprometida, ou seja, não terá forças para seguir em suas atividades, tanto na escola como na família.

Através de seu conceito podemos notar que a sociedade está de modo sem afeto, amor e carinho, angustiada pela ausência de limites e frustrações. Nossas crianças pertencem a esse meio, sujeitas a interferências no dia a dia. Para ela o ser humano só está bem em suas funções sociais se o afetivo está bem, não comprometendo assim seu desenvolvimento.

Entende Oliveira, (2003, p.47) que “o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais”. Sendo assim o corpo faz parte, é ele que interfere e se relaciona com o mundo através de suas ações. Para conhecer seu corpo a criança precisa ter bom desenvolvimento na motricidade e consequentemente seu cognitivo também terá melhores resultados.

Neste contexto, Bossa (1998) “acredita que a criança conforme nasce e se desenvolve precisa se manter em um ambiente onde suas necessidades básicas possam acontecer sem rompimentos de modo satisfatório, onde o que ela mais precisa é de afeto, segurança e comunicação, elementos importantes para se estabelecer vínculos”, isto é, a capacidade de se relacionar, tendo-se em conta que o ser humano é um ser social e que se comunica, seja através do choro, ou de um sorriso, linguagem, expressões faciais e corporais, porém faz parte de uma sociedade que dispõe de todos esses elementos para que aconteça uma boa aprendizagem.

Para Wallon (1978) o afeto é o principal ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo, pois o bebê estabelece um vínculo afetivo com a mãe por meio da amamentação e com o tempo com as pessoas que convive. É do afeto da mãe que a criança desde muito pequena se comunica por meio de seus movimentos, bem expressivos e organizados estabelecendo uma boa comunicação com a mãe. Neste sentido, o cognitivo e a afetividade não ocorrem uma sem a outra. Para o autor a criança conhece o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação

que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. À medida que o indivíduo se desenvolve, as emoções vão encontrando forma de expressão.

Davis e Oliveira (2010, p. 105 e 106), salientam que o “afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos, sendo estes mecanismos de adaptação, permitindo-o construir sua própria noção sobre objetos, as pessoas e o mundo que lhe rodeia”.

No entanto, Martinelli (2008) destaca que para Piaget, a afetividade é uma energia na qual depende o funcionamento da inteligência, sendo esta desencadeadora de novas condutas podendo acelerar ou retardar o desenvolvimento intelectual.

Assim a criança da Educação Infantil, encontra-se no estágio pré-operatório, que para Goulart descrevendo sobre os conceitos de Piaget (2010, p. 53 a 55) explora os ambientes que está em sua volta e faz representação da linguagem. A criança nesta fase já tem a capacidade de desenvolver pensamentos, imagens e palavras que podem representar algo inexistente ou ações, bem como já é capaz de formar representação de avião e carro dentre outras, porém seu conhecimento refere-se ao seu próprio entendimento.

Entretanto neste estágio muitas manifestações afetivas são apresentadas, tais como:

Os sentimentos interindividuais (afeições, simpatias, antipatias), ligados à socialização das ações; a aparição de sentimentos morais, provenientes das relações com adultos e crianças, e as regularizações de interesses e valores, que estão ligadas ao pensamento intuitivo em geral. Com o desenvolvimento do pensamento intuitivo, os interesses se multiplicam e se diferenciam, dando lugar ao aparecimento dos valores que aparecem através das palavras, do desenho, da imagem (GOULART, 2010, p. 61).

Porém Cunha (2010, p. 55) destaca que: “de três a seis anos, a criança aprende a pensar em um objeto por meio da imagem de outro”. Entende-se que é nesta faixa etária que a criança representa a realidade por meio de suas brincadeiras, dos desenhos, da sua linguagem, e em que seu cognitivo começa a se desenvolver a partir dessas primeiras relações com o meio e os objetos evoluindo progressivamente.

Neste contexto, Wallon (*apud*, ALMEIDA, 2001) afirma que “as emoções contribuem para o desenvolvimento intelectual e que a afetividade acontece antes da formação sensório-motor e mental e influênciada todas as formas de pensamento”. Baseando-se nas necessidades afetivas as crianças precisam ter espaço, ter alguém que permita o desenvolvimento da afetividade, assim o processo de desenvolvimento ocorrerá naturalmente.

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E NA APRENDIZAGEM

Educação e afeto, segundo Andersen (2009, p. 13) “são duas coisas inseparáveis. Afeto verdadeiro significa dar amor e limites ao mesmo tempo. Isso não é complicado, mas exige do profissional muito esforço físico, muito esforço intelectual e, principalmente, elevado grau de controle da estabilidade emocional”.

No entanto, Porto (2011) destaca que na pré-escola a relação do professor com os alunos se dá a todo o momento, em todas as atividades, propiciando proximidade afetiva dos objetos e construção de conhecimento. Desta forma, para o autor, a curiosidade e o aprendizado só se efetuarão se a criança for amada, aceita, acolhida e ouvida. E o professor tem o papel de organizar o espaço onde as crianças possam atuar, buscar e se interessar. Precisa, também, saber, entender aos interesses das crianças, encorajando-as para descobrir e inventar sem ensinar ou dar conceitos prontos, mas deixando-as livres para terem sua própria opinião e conceito do mundo ao seu redor.

No entanto Cunha (2010, p121) alerta que:

Não devemos educar para criar seres iguais à nossa imagem e semelhança. Não possuímos o molde da perfeição. Possuímos virtudes, é certo, mas a maior delas o amor. O amor jamais carrega o ego da escravidão, mas, para a liberdade educa e conquista o aprendente. O afeto gerencia as relações com o saber, que perdurarão ao longo da vida não com as digitais do professor, mas com as marcas da amorosidade que possibilitarão ao aprendente conquistar sua autonomia. É para a liberdade que educamos, e, onde há liberdade, há identidade e amor.

Mediante ao escrito de Cunha ao tratar de educação nos anos iniciais, se percebe que a relação afetiva ocorre de maneira mais imediata, obtendo-se de um contato mais direto, oferecendo carinho, atenção e participando das brincadeiras junto com eles. Também fazendo que aconteça um contato mais afetivo, pois em casa os pais não têm muito tempo para oferecer a seus filhos essa afetividade, diálogo e paciência, porém na escola esse processo ocorre e as crianças passam a fazer parte da vida dos educadores, e eles motivados para ensinar coisas novas, acreditam na capacidade dos alunos em desenvolver-se.

Segundo Freire (1996, p.96), enfatiza que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Na sala de aula, segundo Freire, o professor deve ajudar seus alunos a construir o conhecimento de forma lúdica e divertida que não seja maçante, pois estão apenas nos primeiros anos do ensino fundamental, onde é preciso oportunizar momentos diferenciados e criativos, em que o ato de pensar esteja presente na metodologia do professor contextualizando assim uma relação

harmoniosa entre professor e aluno. Já para Elias (2000, p.32) "O ideal consiste em que a criança aprenda por si só, que a razão dirija a própria experiência [...] A falta da prática de pensar, durante a infância, retira dela essa faculdade para o resto da vida."

Sendo o educador a estrutura para seu aluno tanto afetivo, como cognitivo, ele precisa compartilhar o diálogo e o respeito junto com seus alunos, fazendo, por exemplo, uma de roda conversa, em que todos possam comentar sua ideia e desta forma construir conhecimento, Saltini (2002, p. 60) afirma que:

O educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua vida.

Assim, conforme Saltini (2002), o papel do professor é o de desempenhar funções que exigem conhecimento, estrutura, disciplina e muita afetividade vinda por meio dos sentimentos de cada um. Baseado nessa função é necessário que o professor dê chances e oportunidades para a criança se expressar, não podando seu potencial pelo simples fato dela conhecer, mas estimular a todo o momento os alunos, mostrando que é preciso ter coragem e boa vontade para aprender, e mediante isso, a formar um conceito próprio, elemento importante para a afetividade na relação professor e aluno e para o processo de aprendizagem.

PESQUISA

O presente estudo se trata de uma pesquisa qualitativa descritiva que tem como principal objetivo explorar e estimular as pessoas que vão ser entrevistadas a pensarem de forma livre, descrevendo qual a frequência, a natureza, as características e a relação com determinados fenômenos (LEITE; BIN; SCHMITZ, 2009). Participarão do estudo cinco professores que responderam a questões norteadoras sobre a temática.

Os dados foram analisados por meio da análise qualitativa, seguindo um processo indutivo, dando relevância a qualidade das respostas dos participantes. Foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2008), na qual a organização da análise é feita em três polos: Pré-análise, a exploração do material e a interpretação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base no questionário aplicado nos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, houve a preocupação em colaborar com as discussões e questionamentos em torno da importância da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. As questões foram focadas na opinião dos docentes, com o objetivo maior de identificar a real importância do aspecto afetivo no processo de aprendizagem das crianças.

Sobre o conceito de afetividade, responderam que ela é uma manifestação de carinho, por meio de gestos e/ou ações, que são capazes de transformar o ambiente, deixando-o mais agradável, transmitindo as pessoas sentimentos e emoções boas. Resumidamente as professoras responderam que “afetividade é um sentimento que envolve confiança, respeito, aceitação, cumplicidade, empatia, amizade, sendo uma troca fundamental na relação professor-aluno”.

Neste sentido Bercht (2001, corrobora quando afirma que a afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivencias dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Questionadas se a afetividade contribui para um melhor aprendizado do aluno, a resposta foi positiva, pois acreditam que o processo de ensino aprendizagem ocorre com muito mais facilidade quando há afetividade entre as duas partes. “Se o aluno se sentir mais à vontade, querido pela professora, o mesmo fica aberto para aprender coisas novas que vão sendo acrescentadas no seu aprendizado”. “O aluno com dificuldades de aprendizagem obteve um melhor rendimento porque houve carinho e afeto”... “onde há afeto, há aprendizado”... “ao se sentir amado o aluno, tem prazer em estar na companhia de seu professor”.

Diante das respostas obtidas ficam evidentes para nós, educadores, a importância da afetividade junto a prática educacional, não sendo possível oferecer educação autoritária, que ainda traz o professor como detentor do saber, que traz conteúdos e saberes prontos e acabados, é necessário uma valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, de sua bagagem cultural, de suas experiências, para que haja um aprender de conhecimento agradável e significativa em um ambiente tomado de afeto e harmonia. Neste contexto Rodrigues (2009. p. 179) afirma que “As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola”. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendizado tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens.

No que se referente a demonstração de afeto durante a aula. As professoras responderam que não tem um momento certo para a demonstração desse afeto, mas que percebem com mais clareza essa manifestação no momento da acolhida, onde conseguem conversar mais individualmente com cada aluno, distribuindo abraços e palavras de carinho. Ou então, “sempre que percebe que a criança está deprimida ou insegura procura encorajá-la e dar um suporte ou o colinho”... “em toda sua rotina é possível notar a presença de afeto, desde a fila, nas refeições, na explicação do conteúdo, na correção do tema, pois cada momento deve ser único para o aluno, sendo agradável e harmonioso para todos da turma.”

Verificando as respostas das professoras, é possível notar que apenas uma professora consegue notar que o afeto está presente em toda sua rotina, que baseia suas atitudes e atividades no afeto. Três professoras pensam não haver um momento certo para demonstrar afeto aos alunos,

mas que só consegue ver com mais clareza no momento de acolhida, uma professora relata que somente em momentos que a criança demonstrar estar triste ou desanimada é o momento que está mais claro o afeto com seus alunos. Assim notamos que todas as professoras se utilizam e acreditam que o afeto deve ser e é usado em suas aulas. Desse modo, conforme Woolfolk (2000 p.47), os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firmes, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor sem exigir que seus alunos o façam.

Quando questionadas se a afetividade ajuda a diminuir a indisciplina, onde as concordam que a afetividade “significa muito” na diminuição da indisciplina. Retomando algumas reflexões sobre a importância da afetividade para o processo de aprendizagem formal, no qual a escola tem um papel importante no desenvolvimento de intelectual e conceitual de seus alunos. Desse modo, as interações entre os alunos e seus professores é a condição primordial para a produção de conhecimentos, permitindo diálogo, a cooperação e as trocas significativas entre si. Nesse contexto, Dantas (1992, p.65) ressalta a influência da afetividade na construção do conhecimento, no qual a aprendizagem depende do clima afetivo no ambiente de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a formação de um espaço escolar mais equitativo e solidário envolve compreender os valores e a afetividade como elementos fundamentais no cotidiano escolar. A partir deste estudo, foi possível constatar que as afirmações de Menezes (2000, p. 13) estavam corretas ao afirmar que “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”.

A pesquisa evidenciou que o processo de aprendizagem está profundamente relacionado à dimensão afetiva e influencia significativamente a forma como os alunos resolvem conflitos de natureza moral ou cognitiva ao longo de sua vida escolar. Nesse sentido, a afetividade desempenha um papel organizacional no funcionamento psíquico, orientando ações e reações dos estudantes.

Os resultados reforçam a importância de que os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental sejam aceitos, compreendidos e respeitados, com docentes sensíveis capazes de ouvir, dialogar e apoiá-los na superação das dificuldades escolares.

Conclui-se que a afetividade, manifestada na relação entre professor e aluno, constitui um elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, cumprindo papel essencial na promoção de uma aprendizagem significativa e no desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O que é afetividade? Reflexões para um conceito.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24., 2001, Caxambu, MG. Anais eletrônicos... Caxambu, MG: ANPEd, 2001.

ANDERSEN, Roberto. **Afetividade na Educação: Psicopedagogia**. São Paulo: All Print Ed., 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 19. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BERCHT, M. **Em direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas**. Tese (Doutorado) – Instituto de Informática, UFRGS, 2001.

BOSSA, Nádia A. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

DANTAS, Helysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DAVIS, C.; DE OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ELIAS, Maria Del Cioppo. **Pedagogia Freinet – teoria e prática**. São Paulo: Papirus, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 53-55, 61.

LEITE, F. H. C.; BIN, M. C.; SCHMITZ, W. O. **Produção do artigo científico**. Dourados: Seriema, 2009.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da Educação, v. 20, p. 11-30, 2005.

MENEZES, Luís Carlos. **Os novos rumos da educação**. Revista Impressão Pedagógica, Campinas, v. 9, n. 21, mar./abr., 2000.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PORTE, O. **Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem.** 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano.** São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SALLA, Fernanda. **O que afeta a criança.** Revista Nova Escola, n. 246, p. 108, out., 2011.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** Rio de Janeiro: WAK, 2008.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** Rio de Janeiro: 4D P&A, 2002.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica.** São Paulo: Vetor, 2008.

SOUZA, Maria do Rosário Silva. **Afetividade: a questão afetiva se bem atendida ajudará seu filho a ter êxito na escola. Psiquiatria e Psicologia.** Campinas, SP: Dra. Shirley de Campos, 04 jun. 2003. Disponível em: <www.drashirleydecampos.com.br/noticias/678>. Acesso em: 08 out. 2011.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação.** 7. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.